



O método interpretativo da Bíblia sob a ótica dos traumas: um modo de interpretação inovador na hermenêutica bíblica aplicada no livro do Gênesis

The interpretative method of the Bible through the
perspective of traumas: an innovative mode of
interpretation in biblical hermeneutics applied in
the book of Genesis

*Osmar Debatin**

FACASC

*Alisson Garcia Elias***

FACASC

Recebido em: 26/09/2024. Aceito em: 13/02/2025.

Resumo: *Existem diversos métodos de interpretação dos textos das Sagradas Escrituras. Um método recém-descoberto é a interpretação através dos traumas. O conceito de trauma, desenvolvido ao longo da história, foi aprofundado cientificamente pela psicologia, com contribuições de Sigmund Freud. Ele compreende trauma como uma experiência que sobrecarrega o sistema psíquico e faz com que o indivíduo tenha uma lembrança que não lembra, manifestada em atos obsessivos. Através desse conceito pode-se ler os textos bíblicos, como sugere David Carr, pois, apesar de não terem formulado esse conceito, o povo bíblico vivenciou experiências traumáticas, tanto individual, quanto coletivamente. A*

* Doutor em Teologia Bíblica (Pontificia Università S. Tommaso d'Aquino, Angelicum, Roma, 2020). Mestre em Teologia (Faculdades EST, São Leopoldo, RS, 2011). Docente na Faculdade Católica de Santa Catarina, FACASC.

E-mail: peosmar@gmail.com.

** Bacharel em Filosofia (Faculdade São Luiz, Brusque, SC, 2022). Estudante do Bacharelado em Teologia (Faculdade Católica de Santa Catarina, Florianópolis, SC) e seminarista da Arquidiocese de Florianópolis.

E-mail: alissongarciaelias@gmail.com.





partir disso, se propõe um esquema de cinco passos para a hermenêutica dos traumas como uma base inicial para esse estilo interpretativo. Em sequência, é apresentada uma leitura do livro do Gênesis a partir dessa interpretação. É demonstrado como as catástrofes do início do Gênesis são a forma do povo pós-exílico explicar as suas catástrofes e gerar resiliência. Esse modo de interpretar a realidade pode ser útil para o ser humano contemporâneo, auxiliando a dar voz aos seus traumas. A hermenêutica dos traumas pode ser vislumbrada como uma contribuição nova e oportuna para o campo de interpretações bíblicas.

Palavras-chave: trauma; hermenêutica; Sagradas Escrituras; Gênesis.

Abstract: *here are various methods of interpreting the texts of the Sacred Scriptures. A recently discovered method is interpretation through trauma. The concept of trauma, developed throughout history, has been scientifically deepened by psychology, with contributions from Sigmund Freud. He understands trauma as an experience that overwhelms the psychic system and causes the individual to have a memory they do not remember, manifested in obsessive acts. Through this concept, one can read biblical texts, as suggested by David Carr, because, although they did not formulate this concept, the biblical people experienced traumatic experiences, both individually and collectively. From this, a five-step scheme for the hermeneutics of trauma is proposed as an initial basis for this interpretive style. Subsequently, a reading of the book of Genesis is presented based on this interpretation. It is demonstrated how the catastrophes at the beginning of Genesis are the way the post-exilic people explained their catastrophes and generated resilience. This way of interpreting reality can be useful for contemporary humans, helping to give voice to their traumas. The hermeneutics of trauma can be seen as a new and timely contribution to the field of biblical interpretations.*

Keywords: trauma; hermeneutics; Holy Scriptures; Genesis.

1 Introdução

São diversos os métodos interpretativos das Sagradas Escrituras. Cada um, com suas características próprias, visam conectar o texto bíblico com as experiências dos fiéis que a escutam. O documento da Pontifícia Comissão Bíblica atesta a relevância deles: “A necessidade de uma hermenêutica, isto é, de uma interpretação no hoje do nosso mundo, encontra um fundamento na própria Bíblia e na história de sua interpretação” (Pontifícia Comissão Bíblica, 1993).

Quer-se neste artigo, abordar um método interpretativo que apareceu recentemente no mundo acadêmico, a interpretação bíblica através dos traumas. Usando a concepção contemporânea de trauma, pretende-se olhar os textos bíblicos como expressão dos traumas do povo de Deus. Pareceu oportuno dividir este intento em três partes para melhor



exposição da temática. Primeiramente, ver-se-á o que se entende por trauma nas ciências hodiernas. Em seguida, analisar-se-á no que consiste a hermenêutica do trauma. Por fim, se apresentará linhas de entendimento do livro do Gênesis a partir da ótica dos traumas.

2 O que é o trauma?

Embora o termo trauma seja muito utilizado em nosso cotidiano, seu uso na psicologia é recente. A palavra trauma é originada do grego e significa ferida (Nestrovski; Seligmanm-Silva, 2000, p. 8). Essa acepção ainda é utilizada em seu sentido literal na medicina, para lesões de grande porte. É de consenso entre muitos autores, que a partir desse conceito inicial, o termo passou por uma ‘psicologização’ no século XIX, isto é, migrou de um sentido mecânico para um fenômeno que acontece na psique (Ortega; Reis, 2023, v. 30, p. 3).

Porém, o trauma não significa simplesmente uma ferida psíquica. Isso seria genérico demais, permitindo que qualquer sensação negativa fosse encarada como trauma. Aliás, muitas vezes, o senso comum utiliza o termo de forma semelhante a isso, fazendo com que frases como, “não grite com a criança pois ela vai se traumatizar” ou “acabei de assistir um filme traumatizante”, sejam cotidianas, banalizando o conceito.

Uma definição de trauma pode ser encontrada no dicionário escolar Michaelis (2008, p. 877): “grande abalo físico, moral ou mental; ou transtorno de onde se pode desenvolver uma neurose”. Uma definição ainda bastante ampla, porém, já caracteriza como um grande abalo e a possibilidade de desenvolver doenças psicológicas a partir dele.

Um próximo passo na investigação do termo seria a descrição de Arthur Nestrovski e Márcio Seligmann-Silva, que resumem bem o conceito de trauma elaborado por Sigmund Freud, o pai da psicanálise:

“uma experiência que traz à mente, num período curto de tempo, um aumento de estímulo grande demais para ser absorvido”. E uma lembrança que o indivíduo não sabe que lembra, mas que se manifesta em atos obsessivos, sem ligação consciente com a atualidade (2000, p. 8).

Esse estímulo é recebido em demasia por um receptor despreparado para tamanha força de estímulos. Freud defende a existência de uma barreira natural no ser humano contra o aumento súbito de tensões. Assim, quando acontecem, o corpo consegue lidar de forma adequada



com o evento (Souza, 2017, p. 41-42). O trauma seria a experiência que ultrapassa esse limítrofe. O aparelho psíquico do indivíduo é completamente invadido pelos estímulos e adoece (Souza, 2017, p. 42). Em outras palavras, o corpo sempre está preparado para um nível de experiências negativas por suas defesas naturais. O trauma seria justamente algo que supera de maneira inesperada essa barreira natural causando dessa forma danos ao indivíduo.

Um dos aspectos intrigantes da vivência traumática é a distância entre o trauma e o evento que o ocasionou. Ou seja, é um evento que perdura, não se dando, ou melhor, não sendo assimilado de forma plena (Caruth, 1995, p. 5). O evento é continuado na psique do indivíduo, continua a causar estragos, persiste em ser visitado. Não que o indivíduo distorça a realidade de um evento passado que é indesejado simplesmente, mas Freud nota que seus pacientes retornam involuntariamente àquela experiência e as revivem de maneira literal, sem invenções ou distorções. É estar preso em uma parte da história que não se conclui, mas continua a fazer sangrar. Cathy Caruth exprime bem essa dor: “Os traumatizados, poderíamos dizer, carregam uma história impossível dentro deles” (Caruth, 1995, p. 5, tradução nossa).

O drama, caso possa ser nomeado assim, é a narração do trauma. O indivíduo é notadamente incapaz de relatar o evento de forma “pura”, existe clara deficiência em seus instrumentos interpretativos, o traumatizado tenta sempre narrar o inenarrável (Rambo *In: Arel; Rambo*, 2016, p. 5). Porém, é necessário criar uma narrativa que consiga ajudar no seu processo de recuperação.

Os estudos do trauma afirmam a importância de criar uma narrativa do trauma, uma narrativa coerente capaz não apenas de processar traumas passados, mas também de promover a resiliência contra traumatizações futuras. Tais narrativas servem para construir identidade e solidariedade de forma que possam restaurar pressupostos saudáveis sobre o eu em relação ao mundo (Boase; Frechette, 2016, p. 15, tradução nossa).

Simone de Beauvoir, revela que escrever pode ter essa serventia. Ela relata isso dizendo que escrevia durante os últimos dias de vida de sua mãe. Ela afirmou quando acusada de estar juntando materiais para vender livros:

Nos períodos difíceis de minha vida, rabiscar frases — ainda que nunca venham a ser lidas por ninguém — me traz o mesmo reconforto que a reza



para quem tem fé: através da linguagem ultrapasso meu caso particular, comungo com toda a humanidade; mas as linhas que então tracei, se me ajudaram a recuperar alguns detalhes, não me eram necessárias para evocar os dias que acabava de viver: esses dias estavam gravados em mim para sempre (Beauvoir, 2021, p. 130).

Cabe ainda salientar que existem experiências traumáticas que são comuns a toda uma porção de pessoas. A catástrofe originadora tem tamanho impacto que uma multidão de pessoas é açambarcada. Vivencia-se como humanidade casos recentes do ponto de vista histórico que tiveram ampla pesquisa sobre como afetaram a população. É o caso do atentado terrorista do dia onze de setembro de 2001, a guerra do Vietnã e a Shoah (o holocausto). Eventos que interferiram definitivamente no modo de entenderem suas histórias e sua própria existência. O trauma então não tem consequências exclusivas de um indivíduo apenas, mas de toda uma miríade de pessoas.

3 A hermenêutica bíblica dos traumas

Pode-se, após esse breve relato do que é o trauma, indagar: mas qual seria a relação entre trauma e a bíblia? Mais ainda: seria correto utilizar essa categoria para uma hermenêutica bíblica? Pois, como afirmado, o conceito de trauma tem sua origem na modernidade, correndo o risco de usar um termo contemporâneo para definir algo do passado, um verdadeiro anacronismo.

David Carr, um dos grandes influentes nas pesquisas sobre a interpretação bíblica dos traumas, ajuda a compreender essa possibilidade. Apesar de não compreender o trauma como entendido hoje, mais importante do que isso, o povo bíblico o experienciou. Não se precisa formar conceitos para ter-se a experiência que eles significam, mas justamente o contrário: conceitua-se aquilo que se experiencia. O autor afirma que a bíblia surgiu como resposta ao sofrimento, como respostas às catástrofes que sentiram (Carr, 2014, p. 2-3).

Assim, vai se delineando um livro que não afasta, mas integra o sofrimento numa história maior. Os traumas não são impedimentos da narrativa do povo, mas verdadeiros caminhos por onde se é necessário passar (Carr, 2014, p. 3).

O próprio Cristo nos evangelhos demonstra esse tipo de visão com duas de suas célebres frases: “se alguém quer vir após mim, negue-se a



si mesmo, tome sua cruz e siga-me” (Bíblia de Jerusalém, 2002, Mt 16, 24, p. 1734) e “não era preciso que o Cristo sofresse tudo isso e entrasse em sua glória?” (Bíblia de Jerusalém, 2002, Lc 24, 26, p. 1833). Esse entendimento é, de certo modo, revolucionário para época, pois está inserido em um contexto em que os traumas não são valorizados como diversas vezes são na modernidade (Carr, 2014, p. 8). Na antiguidade, todo mal acontecido era visto como tragédia, consequência do pecado, sempre numa visão pessimista. Assumir como necessário na caminhada do povo é uma realidade *sui generis* no contexto da época.

David Carr ainda supõe que esse seja um dos motivos por que a bíblia tenha subsistido e tenha sido reconhecida como célebre, pois enquanto os outros povos relatavam apenas suas vitórias e conquistas, Israel relata seus sofrimentos e como os perpassa (2014, p. 4). Desse modo, os relatos de glória morrem juntamente com a morte da glória desses povos, enquanto os do povo judeu, sobreviveram. Carr usa como argumento que corrobora sua tese que só nos últimos séculos conseguiu-se encontrar e decifrar textos do antigo Egito e da Mesopotâmia (2014, p. 4). Não que esse seja o único aspecto que influenciou esse destino, mas aparenta ter algum nível de corroboração.

A bíblia não é o livro do grande triunfo, dos mitos de conquista e vitória a todo custo, ela conta sobre sobrevivência às catástrofes completas. “Outras escrituras retratavam deuses que patrocinavam impérios para dominar outros. As escrituras judaicas e cristãs imaginam um Deus que trouxe sofrimento ao seu próprio povo e ainda assim os conduziu através dele” (Carr, 2014, p. 6, tradução nossa).

Essa leitura a partir dos traumas é um grande contributo para compreender-se algumas passagens mais difíceis das Sagradas Escrituras, principalmente as imagens violentas de Deus. Essas imagens não seriam, de modo absoluto, referências literais do Ser de Deus, mas frutos das experiências vivenciadas por um povo (O’Connor, 2016, v. 70, p. 304). Aqui é necessário entender que não se exclui o caráter de inspiração da bíblia, como bem explica O’Connor:

E se a linguagem violenta sobre Deus fornece apenas vislumbres parciais do Santo, então o discurso bíblico sobre Deus geralmente participa da mesma difícil busca por uma linguagem adequada para expressar aquilo que nunca poderá receber plena expressão. Tal visão não exige o abandono das noções de inspiração divina, nem exige a posição de que tudo é invenção humana. Em vez disso, localiza a inspiração no contexto da



condição humana com as suas profundas lutas e limitações, e lembra aos crentes que vivemos na fé e na esperança no meio do desconhecimento – não com visão, não com provas – apenas com a ajuda do testemunho, daqueles que já partiram (2016, p. 304, tradução nossa).

Cabe ainda salientar, dois modos de abordagem dos traumas que podem ser vistos na bíblia: os diretos e os indiretos. Diretos são aqueles relatos que descrevem eventos traumáticos em si, como a destruição do templo e a crucificação de Cristo. Já os indiretos são as narrativas onde esses eventos e ainda outros têm tamanha força de impacto que são relatados de forma indireta (Carr, 2014, p. 8). Assim, nem todo relato é pura descrição dos eventos traumáticos, aliás, essa é a grande chave que esse método hermenêutico quer apresentar. A necessidade de narrar os traumas é essencial às comunidades. Quando não conseguem expressá-los de forma literal, recorrem a outras construções narrativas, buscando assim um meio de superá-los.

A bíblia seria dessa forma, um grande auxílio para a resiliência do povo de Deus. As páginas sagradas seriam dotadas de textos que ajudam a um grupo humano a se identificar, conhecer sua história, compreender seu contexto e dar capacidade de promover um futuro.

3.1 Possível método para uma hermenêutica dos traumas

Com base no que foi apresentado, é possível pensar um método para análise dos textos bíblicos pela ótica dos traumas. Não se quer de modo algum, criar algum tipo de estrutura fixa ou delimitar como única maneira possível de se realizar. O intuito é oferecer uma base inicial para pôr em prática os conteúdos expostos. Pensa-se em cinco passos como estrutura do método:

- 1 – Escolha de uma perícopes: primeiro passo em qualquer análise bíblica.
- 2 – Contexto histórico: buscar em que contexto foi redigido o texto e a qual época o texto se refere. É buscar colocar o texto em seu contexto.
- 3 – Eventos traumáticos fundantes: aqui busca-se saber quais vivências traumáticas podem estar influenciando o texto. Através da narrativa e da cronologia do texto, busca-se os eventos que afetam a perícopes. Necessário definir se retrata um trauma de maneira direta ou indireta.



- 4 – Marcas dos traumas: sabendo qual o contexto e quais traumas se relacionam, localizar as influências causadas por ele.
- 5 – Atualização: identifica-se quais compreensões esse texto, pelas lentes do trauma, colabora com o leitor hoje. Duplo aspecto pode ser notado: na leitura do texto em si e na vida do leitor.

Esses cinco passos visam apresentar de maneira sintética um itinerário para interpretação. Importante esclarecer novamente: não é uma proposta com intenções universais, mas um caminho para adentrar nesse campo hermenêutico.

Cada passo apresentado visa responder uma pergunta: 1 – Qual texto? 2 – Qual contexto? 3 – Quais experiências de trauma se encontra? 4 – Quais as marcas causadas pelo trauma? 5 – O que gera?

4 Indicações para uma hermenêutica do trauma no livro do Gênesis

O livro do Gênesis, seguindo a teoria documental, provavelmente teve sua última compilação em algum momento após o exílio babilônico em 400 a.C. (Hahn; Mitch, 2015, p. 19). Isso quer dizer que foi um livro organizado por exilados ou descendentes próximos desses exilados. Como também, é uma narrativa para esse povo, para os que sobrevivem a esse exílio.

O'Connor sintetiza alguns dos aspectos de sofrimentos desse povo: “eles vivem com memórias de guerra, deslocamentos físicos, convulsões teológicas e questionamentos contínuos sobre a sua sobrevivência como povo” (O'Connor, 2016, p. 306, tradução nossa).

Memórias de guerras, pois todo confronto, toda batalha deixa marcas nas populações que são atingidas, muito mais nas derrotadas. Deslocamentos físicos causam o sofrimento de não estar mais na sua terra, de deixar onde se vive, grande experiência de desconforto. Convulsões teológicas, pois, é nesse momento histórico que a ideia de um Deus único começa a tomar forma, porém, viviam em um local onde a multiplicidade de deuses era dada como óbvia. Por fim, questionam sua sobrevivência, a incerteza de conseguir persistir após um futuro embate é pulsante.



É possível notar na composição do livro a existência de uma sequência de catástrofes e promessas. Isso adquire um ponto crucial para compreender-se como o texto revela e responde essas agonias.

4.1 As catástrofes

O livro está repleto de desastres, acontecimentos que destroem pessoas e lugares. Existe um arquétipo que é seguido em todas essas destruições. Existe uma destruição causada por Deus, um sobrevivente resgatado e um recomeço (O'Connor, 2016, p. 307).

Tomemos como exemplo o dilúvio. Deus resolve destruir todos os seres humanos, aves e os animais domésticos e rasteiros. Porém, resolve salvar Noé e sua família e as espécies de animais. Após isso, traça uma aliança com Noé, permite um novo começo (Bíblia de Jerusalém, 2002, Gn 6-9, p. 41-46).

Há também a narração do sacrifício de Isaac. Deus decide pôr um fim na descendência de Abraão. Entretanto, volta atrás com seus planos e resolve resgatar Isaac. A descendência pode assim continuar (Bíblia de Jerusalém, 2002, Gn 22,1-19, p. 61-62)

As causas das destruições não são óbvias, claras e nem mesmo tem comparação com a destruição que acarretam. No dilúvio, “os filhos de Deus viram que as filhas dos homens eram belas e tomaram como mulheres [...]” (Bíblia de Jerusalém, 2002, Gn 6,2, p. 41-42), então, Deus destrói quase todos os animais e seres humanos. Já no caso de Isaac, é chocante o ponto em que a narrativa chega. Após dez capítulos de dramas para o nascimento do filho de Abraão, Deus pede a sua morte (Bíblia de Jerusalém, 2002, Gn 22, 2, p. 61).

Essas causas são tentativas de compreender o que aconteceu. São modos de tentar buscar razões em eventos caóticos. As visões são postas de maneira contraditória. O Deus amoroso tenta ser bom, mas precisa punir o povo pecaminoso. O Deus justo precisa também testar a fé de Abraão e o faz de modo cruento. (O'Connor, 2016, p. 308). São contraditórias como também o são as visões dos sobreviventes de eventos traumáticos. Buscam uma racionalização, tentam diversas interpretações e acolhem uma para que cesse a insanidade sentida.

Mas, mesmo com todos os sofrimentos acontecendo, Deus não tem culpa. Deus reage a uma necessidade, no fim, o próprio povo trouxe



sobre si a catástrofe. Isso permite que Deus continue em diálogo com a humanidade.

Cabe ainda salientar, como faz bem O'Connor, que os autores não redigem esses textos em um intencional simbolismo representativo. São na verdade, relatos antigos que são compilados e servem para dar voz aos sofrimentos de um povo:

Não estou afirmando que as histórias foram compostas para “representar” a história traumática de Judá em qualquer sentido literal. Em vez disso, falam de destruições terríveis ocorridas num mundo literário, oriundo de um passado antigo. Eles refletem a violência histórica, mas não são idênticos a ela. Como espelhos distantes da destruição de Judá, estes episódios dão aos sobreviventes o dom da linguagem para falar do desastre. Eles evocam medo e tristeza, mas sempre em certa distância. A violência aconteceu aos antepassados e pré-ancestrais num passado muito distante, mas as histórias sobre estas figuras seminais podem evocar memórias da história mais imediata do público do livro. Dessa forma, a literatura cria aberturas para uma nova vida (O'Connor, 2016, p. 308, tradução nossa).

O texto quer dar esperança aos sofrimentos do povo que vive o período pós-exílio. Quer demonstrar que Deus permanece após os desastres, ou melhor, guia através deles. Mostra que desde a gênese do povo de Israel, catástrofes acontecem. Mas Deus continua com seu povo, dá uma nova esperança. O povo de Deus não acabará, mesmo que tudo aponte na direção contrária.

Essa reflexão que atingia e se dirigia aquela população, também atinge e se dirige aos seres humanos contemporâneos. Atingidos por desolações, tanto em nível pessoal, quanto a nível de povo e até mesmo como humanidade (recorde-se a pandemia gerada pelo Covid-19). Esses textos são dotados de grande impulso para gerar resiliência, dar voz aos traumas sentidos que não encontram palavras para serem verbalizados. A destruição nesses relatos não quer mostrar um Deus violento e punitivo, mas um Deus que permanece após a violência e a punição.

5 Considerações finais

“Meus olhos choram e não se estacam, não há sossego, até que Iahweh olhe e veja do alto dos céus.” (Bíblia de Jerusalém, 2002, Lm 3, 49-50, p. 1468). Essa experiência de dor relatada no livro das



Lamentações é a realidade do ser humano caminhante sobre a terra. Deus não alheio ao sofrimento aparece para mostrar-se perto do seu povo. A hermenêutica dos traumas apresentada e vislumbrada no livro do Gênesis tem como objetivo demonstrar isso.

Um trauma não é um evento qualquer na vida de alguém. Ele é paralisante, cria uma dor verdadeiramente existencial, faz questionar toda a base de crenças. Ler a bíblia pela ótica dos traumas quer mostrar que essas dores eram presentes na época de sua composição e, sendo uma questão antropológica tão forte, se fazem presentes nas suas narrativas. O livro do Gênesis, em sua particularidade, se torna um grande livro de resiliência, para aprender a lidar com o sofrimento impactante e assustadoramente real.

A interpretação bíblica pela ótica dos traumas não almeja ser a interpretação principal ou supor que os autores tinham em suas mentes escrever um livro de resiliência. Pensar dessa forma seria anacrônico. Porém, a imagem de um jardim de plantas como analogia para a pluralidade de interpretações, proposta por Elisabeth Birnbaum parece muito apropriada (Birnbaum, 2023, v. 62, n. 245, p. 22-23). Nessa imagem, o texto bíblico é um solo fértil que diversas interpretações bíblicas são possíveis. Cada interpretação bíblica é uma planta que se desenvolve segundo a possibilidade do texto, a cultura de uma época ou morrem quando não conseguem se sustentar.

Seguindo a imagem de Birnbaum, a hermenêutica dos traumas seria como uma flor de lótus. Uma pequena flor que reconhece seu tamanho, mas dotada de grande encanto. Flor que nasce na natureza no meio da lama, porém consegue manter sua beleza. Essa hermenêutica nasce do meio das catástrofes do povo bíblico e do ser humano moderno, como sinal de esperança e capacidade de resiliência. É um modo de interpretação inovador e oportuno no vasto campo dos métodos de interpretações bíblicas.

Referências

BEAUVOIR, S. *Balanço final*. tradução de Rita Braga. 6.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.



- BIRNBAUM, E. Exégesis bíblica y pluralidade de interpretaciones. *Selecciones de Teología*. Barcelona: San Francisco de Borja, v. 62, n 245.
- BOASE, E.; FRECHETTE C. G. Defining “Trauma” as a Useful Lens for Biblical Interpretation. In: (org.) *Bible through the Lens of Trauma*. Atlanta: SBL Press, 2016.
- CARUTH, C. Trauma and experience. In: CARUTH, C. *Trauma: explorations in memory*. London: Johns Hopkins University Press, 1995.
- HAHN, S.; MITCH, C. *O livro do Gênesis*: caderno de estudos bíblicos. Tradução de Alessandra Lass. São Paulo: CEDET, 2015
- MICHAELIS. Dicionário escolar de língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2008.
- NESTROVSKI, A. SELIGMANM-SILVA, A. (org.). *Catástrofe e representação*: ensaios. Tradução de Cláudia Valladão de Mattos. São Paulo: Escuta, 2000.
- ORTEGA, F.; REIS, R. As raízes do trauma: uma revisão sobre a história do psicotraumatismo. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 30, 2023.
- PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da bíblia na Igreja*. 15 de Abr. de 1993. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/pcb_documents/rc_con_cfaith_doc_19930415_interpretazione_po.html. Acesso em: 1 set. 2024.
- RAMBO, S. Introduction. In: AREL, S. N.; RAMBO, S. L. (org.). *Post-Traumatic Public Theology*. Boston: Palgrave Macmillan, 2016.
- SOUZA, T. G. *O conceito de trauma psíquico*: das suas origens no século XIX ao transtorno de estresse pós-traumático. 2017. 75 f. Monografia [Bacharelado em Psicologia]. Universidade Federal Fluminense, Volta Redonda. 2017.